

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO MUSICAL DE CEGOS A PARTIR DA ABORDAGEM ORFF- SCHULWERK

Isabel Cristina Dias Bertevelli
Instituto de Cegos Padre Chico
isabertevelli@uol.com.br

Resumo

O relato pretende mostrar caminhos utilizados no trabalho musical com alunos do Instituto de Cegos Padre Chico, a partir de aspectos da abordagem Orff-Schulwerk, dentro do contexto da expressão vocal, instrumental e corporal. Pudemos refletir sobre algumas ações: como se processa o desenvolvimento musical de deficientes visuais (cegos); de que maneira o movimento faz sentido para a pessoa que não vê e qual o papel do educador frente ao desafio da inclusão de deficientes visuais. Reflexões e experiências que servem como parâmetro para condutas no caminho de uma Educação Musical que privilegie todos, independente de sua condição ou limitação.

Palavras-chave: educação musical, deficiência visual, formação de educadores, Orff-Schulwerk

METHODOLOGICAL STRATEGIES USED IN THE MUSICAL EDUCATION WITH STUDENTS OF THE INSTITUTE FOR THE BLIND FROM ASPECTS ORFF- SCHULWERK

This report aims to show paths used in the musical work with students of the Institute for the Blind Padre Chico,

from aspects Orff-Schulwerk approach within the context of vocal and instrumental expression and movement. We could reflect on some things: how it handles the musical development of the visually impaired (blind), how the move makes sense for the person who does not see and what the role of the teacher facing the challenge of inclusion of the visually impaired. Reflections and experiences that serve as conduits for parameter in the way of a musical education that promotes all, regardless of their condition or limitation.

Keywords: music education, visual impairment, teacher training, Orff-Schulwerk

Educação Musical de deficientes visuais (cegos)ⁱ

Os cegos “não são mais sensíveis à música que outras crianças, mas a música pode ter para eles um significado especial...”.

O trabalho musical com deficientes visuais, especialmente com cegos, parece simples e óbvio, pois supõe-se que eles possuem uma faculdade auditiva excepcional, o que é verdade somente em parte. Ele não nasce com um aparato auditivo perfeito ou melhor, porém, a deficiência o obriga a desenvolver uma capacidade muito grande para escutar e todos os meios capazes de contribuir para o desenvolvimento dessa capacidade são valiosos, já que a maioria dos contatos com o mundo depende da sua percepção e interpretação do som. É necessário educar essa sensibilidade e percepção auditiva. (BERTEVELLI, 2010)

O início de minha atividade como educadora musical aconteceu em 1991, quando ingressei, por acaso, no Instituto de Cegos Padre Chico. A principio nunca pensei em trabalhar com pessoas com necessidades especiais. Pouco tempo depois, minha permanência nessa área foi uma escolha consciente. Ao longo desses vinte anos trabalhando com cegos, percebi, logo de início, um interesse muito grande pela música, especialmente pela expressão vocal, ora cantando músicas da atualidade ou da infância, ora inventando melodias ou brincando com sons (vocais, onomatopéias, percussão corporal e diferentes ritmos). Percebi, também, que o trabalho musical com os cegos não é diferente das pessoas que enxergam. Envolve percepção auditiva e o fazer musical, contextualizado dentro de um processo de musicalização, ou seja, de uma prática em que os alunos participam de uma vivência musical

ampla e enriquecedora. Esse aspecto também não é novidade entre nós.

Porém, algumas dificuldades e limitações foram evidentes. A princípio, estas foram deixadas de lado, uma vez que a parte musical era enriquecedora. Dentre essas dificuldades, observei a ausência de expressão do movimento corporal ou até facial, sobretudo nos cegos congênitos, por estes serem menos beneficiados desde a infância em relação ao estímulo de movimentos. Ou seja, a criança que nasce cega e não passa por um atendimento especializado desde os primeiros anos de vida ou um trabalho de estimulação precoce desde bebê, demora mais para aprender, pois nosso aprendizado é muito mais visual. Devemos considerar que a criança cega é capaz de se desenvolver normalmente e integralmente, mas necessita de auxílio para que isso ocorra. Como afirma Amaral (2002):

O desenvolvimento da visão normal tem um grande impacto no desenvolvimento humano. A privação sensorial causada pela deficiência visual afeta o desenvolvimento da criança (desenvolvimento motor, consciência corporal, comunicação, habilidade de interação com o ambiente, desenvolvimento de conceitos). (...) A visão serve para intermediar os movimentos. (...) Crianças com deficiência visual têm tipicamente dificuldades de iniciar movimentos por sua própria conta, apoiando-se frequentemente em outros para que lhes dêem sugestões e os encorajem a se mover no espaço. Isto reduz a oportunidade da criança explorar o ambiente e de ampliar sua experiência. As deficiências visuais afetam igualmente a consciência corporal, a imagem corporal e a auto-imagem.

Na educação de cegos temos que privilegiar os aspectos auditivos, táteis e cinestésicosⁱⁱ dentro de vivências concretas. Com crianças na idade pré escolar, deve haver um trabalho de estimulação precoce, no sentido de ampliar sua capacidade multissensorial. A audição e o tato possuem grande importância nas elaborações mentais dos cegos, aliadas às explicações verbais contextualizadas; assim o aprendizado é efetivo e com significado.

A educação musical pelo movimento

Na década de 1990, após minha formação no Instituto de Artes da UNESP, tive a felicidade de participar de cursos e conhecer outros aspectos da educação musical, muito diferente da minha própria experiência pessoal em relação ao aprendizado da Música, que foi estritamente tradicional.

Entrei em contato com o método Kodály, participei de uma oficina do educador Murray Schafer e do primeiro curso Orff-Schulwerk no Brasil, com Verena Maschat, indicação de Mayumi Takai. Fiquei maravilhada com tanta informação, época em que não havia tantos cursos na área. Posteriormente, participei de outros até a atual ABRAORFF, mas esses primeiros foram reveladores.

Sobre Orff-Schulwerk, logo pensei: como posso ensinar aos cegos? Como posso fazer as adaptações necessárias? Como trabalhar Música e Movimento com o aluno que não vê?

É claro que informações sobre a deficiência visual são importantes, assim como o desenvolvimento dos cegos, mas tudo deve estar aliado à prática pedagógica musical em que todos participam. Isso me chamou atenção em Orff-Schulwerk: uma educação musical totalmente democrática e participativa; uma educação musical que fazia sentido e agregava vários aspectos; divertia e oferecia possibilidades sonoras e musicais de aprendizado.

Porém, tenho que confessar: com os alunos cegos, muitas experiências foram feitas até encontrar um caminho, que funcionou com um determinado grupo de alunos, uma vez que essa clientela tem sido diferenciada com o passar dos anos. Foram experiências sem qualquer tipo de preocupação de registro científico; apenas queríamos encontrar um caminho para usufruir, fazer e aprender música, utilizando a expressão vocal, instrumental e de movimento. O ritmo e movimento (com expressão corporal livre e dança) foram norteadores do trabalho, juntamente com os aspectos vocais e sua transferência para um instrumento, que é a flauta doce, piano, teclado ou violão e o aprendizado da Musicografia Braille, escrita musical utilizada internacionalmente pelos cegos.

Os alunos atendidos são deficientes visuais da Escola de Ensino Fundamental do Instituto de Cegos Padre Chico (fundado em 1928), localizado no bairro do Ipiranga. Foram atendidos alunos entre 12 e 18 anos de idade que cursam do 6º ao 9º ano, com uma aula semanal de 50 minutos, em grupos entre seis e doze alunos por sala. A experiência tem sido realizada em todos os anos e é parte integrante das aulas de Música, componente curricular do próprio Instituto, que desde 2008 passou a atender, também, alunos com baixa visão.

O início do trabalho foi explorar o movimento, pois os aspectos musicais (vocal e instrumental) já eram trabalhados independentemente. Percebi, também, a importância da criação, de como podemos ultrapassar os aspectos musicais e transpor para o coletivo, o social. A dança é coletiva; aprende-se olhando, sentindo, ouvindo e principalmente, vendo. Essa foi minha dificuldade: a necessidade de dizer claramente o que aconteceria, os passos até a formação de toda coreografia. Paralelamente, como promover uma livre expressão de movimentos sem a visão ou como promover um significado para esse movimento experimentado.

A dança e a expressão do movimento, para o cego, possibilitam superação de limites impostos pela própria cegueira; amplia as possibilidades motoras através de movimentos conscientes, além de promover a socialização, segurança, noção da consciência corporal e do espaço; promove a aquisição da autonomia dentro do espaço/tempo; como se nos apoderássemos daquele movimento dentro de um espaço, que passa a ser sentido. A dança passou a ser importante no próprio trajeto, durante o processo, de acordo com a memória cinestésica de cada movimento. Ou seja, por um lado, a compreensão, memorização e aprendizado de cada passo da dança aliado ao ritmo, à frase musical, ao contexto e, por outro, a vivência/aquisição de uma série de movimentos capazes de colaborar em uma expressão livre, sugerindo a criação de outros novos movimentos. Tudo é movimento; é uma forma de linguagem; uma linguagem não verbal estruturada no corpo. Partindo dessa idéia, o corpo é a condição primeira para que ocorra o pensamento; é o caminho das ações sensório-motoras. É necessário desvendar o corpo, conhecer suas partes e possibilidades de movimento, o que parece simples para qualquer um de nós que enxergamos. Iniciamos com exercícios, repetições, sensações no espaço e tempo que devem ser exploradas. Começamos com uma parte muito importante do corpo: a mão. Com ela o cego explora, conhece e reconhece o mundo, os objetos, peso, textura, forma; reconhece o todo pelas partes. Mãos em movimento, sozinha, em comunhão com outras mãos. As mãos que tocam, leem, aprendem e interagem. Depois o rosto, com características físicas e étnicas; as emoções sentidas e transmitidas, as partes e o corpo todo; braços e pernas, movimentos circulares, pequenos e grandes, mas simplesmente, movimento.

Outra dificuldade encontrada: a concatenação desses movimentos, a unidade de todos eles até a formação de uma imagem no espaço/tempo. A repetição para o conhecimento e aprendizado e a não repetição para a criação. Falo em dificuldades, mas são desafios. Movimento livre, movimento aprendido, movimento das brincadeiras de roda e de mãos. Toda criança brinca, canta, se movimenta, mesmo sem ter consciência disso. Os alunos cegos se reúnem pelos corredores, no pátio, em qualquer lugar para explorar sonoridades e criando outras, improvisando e construindo, e tudo isso naturalmente. Com o movimento não poderia ser diferente: brincadeiras de mãos e o resgate de músicas da infância e outros jogos rítmicos. Tudo é possível, basta trabalhar as partes, decifrar cada gesto, e dar significado a essa experiência sensorial. Uma técnica que se transforma em expressão e é transportada para a voz, para o instrumento musical que volta a ser movimento.



Foto 1: Alunos do Instituto de Cegos Padre Chico.
Atividade: movimento com mãos



Foto 2: Alunos do Instituto de Cegos Padre Chico.
Atividade: "Ver/ouvir o movimento"

Estratégias Metodológicas Básicas

O trabalho musical com cegos utilizando-se o movimento pode ser um pouco mais lento do que seria normalmente com alunos que enxergam. Este trabalho precisa de uma série de condutas que são muito simples, mas que contribuem na organização das aulas e em seu efetivo desenvolvimento. Algumas estratégias básicas de aprendizagem que são utilizadas, inclusive, em outras situações de ensino-aprendizagem, mas, neste caso, sua utilização é fundamental.

Conhecer seu aluno

O educador deve conhecer seu aluno e saber, inclusive, o motivo de sua deficiência, pois isso contribui para que ele utilize estratégias adequadas para cada tipo de deficiência. Por exemplo, alunos com glaucoma têm muita sensibilidade à luz ao passo que alunos com baixa visão necessitam de mais luminosidade direta. Devemos ter esse conhecimento dentro de muitos outros para poder realizar um trabalho que contemple a todos, respeitando a limitação e característica de cada um. É evidente que conhecer seu aluno é nada mais que uma das funções de todo educador, independentemente de se trabalhar com crianças deficientes ou não.

Reconhecer o local

Reconhecimento do local a ser trabalhado, incluindo o trajeto até a sala de música, formando assim um mapa mental dessa área a ser utilizada. Para os alunos mais velhos (a partir de oito anos), podem ser utilizadas maquetes táteis e plantas em relevoⁱⁱⁱ (mapa tátil) para o auxílio na localização da sala, seus móveis e objetos.

Nas atividades em roda, movimento ou dança, o aluno deve ser orientado para verificar o espaço que os cerca, o quanto podem andar ou se movimentar, observando sempre a integridade física do aluno.

Reconhecimento da própria sala, sua dimensão, distância entre os móveis, espaço físico, materiais, objetos, instrumentos musicais etc. O aluno usará sua memória cinestésica, que todos nós temos, para procurar objetos e caminhar pela sala. Para isso, é importante que a mesma tenha sempre a mesma configuração ou, se forem necessárias mudanças, ele deve ser comunicado. É preciso calcular também o tempo que a criança cega levará para se locomover de uma sala para outra. Como a visão antecipa o movimento, a criança cega andarão com maior cuidado ou utilizando a bengala para chegar à sala, o que pode levar um tempo maior.

Instruções iniciais

As instruções iniciais das atividades devem ser muito claras; devem ser verbalizadas; uma voz clara facilita a comunicação, assim como um ambiente pacífico e sem ruídos, o que poderia atrapalhar a compreensão, uma vez que não utilizamos recursos visuais no quadro, por exemplo. Além das instruções verbais, recorreremos à demonstração do movimento, ora deixando que o aluno perceba o movimento tocando o professor ou o próprio professor mostra o

movimento ao aluno, fazendo com ele. É possível fazer qualquer tipo de atividade, porém todas devem ser pensadas para o cego, sendo necessárias as adaptações.

Utilização de pistas

Utilização de pistas ambientais de referência, como fontes sonoras (sons do parque), posição do sol, a textura dos pisos e paredes, piso tátil, luminosidade, entre outras.

Criar rotinas de trabalho

Criar rotinas de trabalho, o que é muito importante, sobretudo se o grupo tiver alunos com outras deficiências associadas, no caso da deficiência intelectual associada à cegueira.

Promover interação

Promover o conhecimento e interação de todos os alunos, incluindo todos no mesmo ambiente de trabalho, no caso de salas, com alunos cegos, baixa visão e outros que enxergam.

Formação de rodas, de mãos dadas, propiciando uma segurança e controle de onde estamos e onde estão os colegas. Todos ficam interligados de mãos dadas ou até a formação da roda. Importante, que todos se conheçam pelo nome, apresentem-se e tenham noção da localização de cada um na roda ou na sala.

Importância das brincadeiras e jogos

Importância de resgatar brincadeiras e jogos de mãos, tão presentes nas atividades da infância em qualquer parte do mundo. O cego gosta de brincar e a brincadeira desempenha papel importante em seu aprendizado geral e musical. As brincadeiras são importantes, inclusive, porque propiciam atividades de interação entre eles e demais crianças, constituindo-se de uma atividade social.

A criança cega tem seu desenvolvimento motor, psicológico e emocional de acordo com as outras crianças de sua faixa etária. O que pode ocorrer é que algumas vezes, a criança cega demora a iniciar suas atividades escolares, por falta de diagnóstico da deficiência ou por despreparo da família, que, muitas vezes, demora em aceitar a deficiência, a conviver e trabalhar com ela, ocasionando um retardo na ida da criança para a escola. Nesse caso algumas habilidades podem estar comprometidas ou demorarem um pouco mais para se formar.

O aprendizado deve ser parcial, mais cuidadoso e simplificado do que com crianças que enxergam. Podemos utilizar gestos, mas sempre com explicações verbais claras. Isso não quer dizer que a criança cega tem dificuldade em aprender. Cada informação tem que ser passada no tempo em que ela consiga compreender e memorizar o que deve ser feito, no caso da dança, por exemplo, ou de alguma brincadeira de mão, sempre aliado ao fator sonoro/musical/rítmico do que está sendo aprendido.

É preciso antecipar algumas informações, no caso de brincadeiras em que utilizamos um objeto ou temos que passar adiante o mesmo. Nas brincadeiras de passar um objeto, é necessário que haja: uma introdução, um conhecimento primeiro do próprio objeto (o que leva um pouco mais de tempo, porque cada aluno tem que tocá-lo); depois, o que temos que fazer com ele, onde ele está, como pegá-lo, como passas adiante e para onde passar; esse trajeto deve ser compreendido e memorizado, utilizando a memória cinestésica. Esse procedimento faz parte de uma experimentação física que pode inserir o aluno no contexto da atividade musical. Depois desse procedimento é que o aluno ficará mais livre para poder brincar e se divertir com a música.



Foto 3: Alunos do ICPC
Atividade: brincadeira rítmica “Escravos de Jó”



Foto 4: Alunos do ICPC
Atividade: dança



Foto 5: Alunos do Instituto de Cegos Padre Chico.
Atividade: brincadeira com copos

Movimento

Há a necessidade de deixar a criança cega experimentar os sons e os ritmos. Devemos motivar e incentivar sua livre expressão, ou seja, de exteriorizar seus movimentos, que muitas vezes são bem limitados, sendo mais movimentos de mãos e braços ou algum movimento repetitivo como as estereotípias^{iv}, tão comuns nos cegos, além dos *tiques* e *blindismos* (como pressionar o globo ocular). Essa criança não tem padrões definidos de expressão corporal, de movimentos, pelo simples fato de não enxergar. Podemos demonstrar a partir de exercícios básicos corporais, de canções com gestos e passos de dança. O movimento corporal associado à música deve acontecer. Como já foi dito anteriormente, se essa criança não tiver outro tipo de comprometimento e for estimulada, passando por um programa de reabilitação ou dentro de uma instituição de ensino, ela terá as mesmas características de outra criança de sua própria faixa etária que enxerga.

Considerações

A proposta deste relato foi mostrar de maneira breve alguns aspectos da educação musical de cegos, considerando que sua educação deve ser a mesma das outras crianças, porém é preciso utilizar algumas condutas que possam efetivar esse trabalho. Todas as crianças têm os mesmos direitos, porém devemos compreender as limitações de cada um e respeitar as diferenças de todos. Muito ainda tem que ser aprendido, no sentido de adotar condutas satisfatórias com os alunos cegos. Neste sentido, este estudo pretende ser apenas o início de coleta de informações e registro de todo esse processo em direção a um futuro mais amplo e revelador.

A Educação de cegos e das pessoas que enxergam deve ser a mesma; tanto um como o outro passam pelas mesmas etapas do desenvolvimento humano, em todos os aspectos. Devemos pensar que há necessidade de conhecer o mundo da pessoa cega, conhecer suas características, limitações e possibilidades. A educação especial e inclusiva, atualmente, não parte mais do pressuposto de que todos são iguais, mas que todos devem ser considerados e respeitados em suas diferenças. Mais ainda, se pensarmos uma atividade para a criança cega, com certeza ela funcionará para a criança que enxerga também. O contrário já não é verdadeiro. O conteúdo sempre será o mesmo, porém adaptações são necessárias; adaptações das atividades, do material e das estratégias a serem utilizadas nas aulas.

MASINI (1994) comenta que a educação dos cegos é na maior parte das vezes centrada e conduzida por padrões adotados pelos *videntes*, que são as pessoas que enxergam. Ela ainda enfatiza a necessidade de se conhecer as especificidades da deficiência visual, ou seja, conhecer de que modo essas pessoas conhecem o mundo, de que maneira as coisas que nos cercam fazem sentido e como eles se

relacionam com esse mundo. Conhecer esse mundo nos aproxima dele de alguma maneira, nos tornando educadores mais eficientes.

Muitos são os caminhos e muito ainda tem que ser estudado e documentado no que se refere à Música e Movimento para alunos deficientes visuais, assim como a literatura específica. O que sabemos é que sempre é possível, de acordo com as possibilidades dos alunos, sempre promovendo o acesso à música e a inclusão de todos, mesmo sendo este um mundo “invisual”. Uma música e um aprendizado democrático e participativo como o próprio Orff-Schullwerk.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Isabel. *Visão*. In: MASINI, Elcie F. Salzano (Org.). *Do sentido... pelos sentidos... para o sentido... Sentidos das pessoas com deficiência sensorial*. Niterói: Intertexto. São Paulo: Vetor, 2002.

BERTEVELLI, Isabel C. D. *Musicografia Braille: a partitura musical em braille como recurso na educação musical de cegos*. Anais... VII Simpósio de Educação Musical Especial, I Encontro de Musicografia Braille. São Paulo: Instituto de Artes / UNESP, 2010. (CD Room)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Normas Técnicas para produção de textos em braille*. Elaboração Edison Ribeiro Lemos... [et al]. Brasília: MEC/SED, 2006.

MASINI, E. F. S. Impasses sobre o Conhecer e o Ver. In: *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados*. Brasília: CORDE, 1994.

SOLER, M. *Didáctica multisensorial de las ciencias: un nuevo método para alumnos ciegos, deficientes visuales, y también sin problemas de visión*. Barcelona: Paidós, 1999.

NOTAS

ⁱ A deficiência visual está dividida em: cegueira (congenita e adquirida) e baixa visão (capacidade de perceber luminosidade até o grau em que a deficiência visual interfira ou comprometa seu desempenho). Abordaremos, aqui, questões referentes à educação musical de cegos.

ⁱⁱ Cinestesia, também denominada Propriocepção, é o termo utilizado para nomear a capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais, sem utilizar a visão.

ⁱⁱⁱ Os materiais em relevo (maquetes e mapas) devem ter legendas em *braille* e tipos ampliados (para pessoas com baixa visão), de acordo com as normas técnicas (BRASIL, 2006).

^{iv} Estereotipias são movimentos repetitivos de movimento ou de objetos, como balançar o tronco, mexer repetidamente as mãos, pressionar o globo ocular, entre muitos outros.